

Reflexões sobre a Folkcomunicação, o Ciberespaço e o contexto escolar

*Carlos Henrique Medeiros de Souza*¹

*Fernanda Castro Manhães*²

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão a cerca da Folkcomunicação, do Ciberespaço e sua relação no ambiente escolar. Procurou-se destacar alguns conceitos e formas de trabalho relacionados com as manifestações culturais e o uso crescente da internet, aqui definida como ambiente virtual, ou seja, ciberespaço. O texto apresenta alguns posicionamentos teóricos a fim de subsidiar algumas discussões. Acreditamos que está surgindo uma nova geração de sujeitos, cada vez mais “plugados” e distantes das tradicionais manifestações culturais, religiosas e folclóricas. Preparar a escola para desenvolver tais conteúdos poderá ser um caminho para o verdadeiro resgate de nossos valores culturais. Destaca também a importância de se buscar caminhos para potencializar o ciberespaço com um ambiente a ser trabalhado para tal resgate.

Palavras Chave: Folkcomunicação, Cultura, Escola.

Abstract: This paper proposes a reflection about the folkcommunication of Cyberspace and their relationship in the school environment. It was highlight some concepts and forms of work related to cultural events and the increasing use of the internet, here defined as virtual environment, or cyberspace. The text presents some theoretical positions in order to subsidize some discussions. We believe that is developing a new generation of subjects, increasingly "connected" and away from traditional cultural, religious and folk. Preparing the school to develop such content could be a way for the real redemption of our values culturais. Destaca also the importance of seek ways to enhance the cyberspace with an environment to work for that rescue.

Key-words: folkcommunication, Culture, School.

Introdução

O grande desafio inicial, em termos de realidade brasileira é a formação de professores capazes de lidar com os alunos em situações extremas: dos alunos que já possuem conhecimentos tecnologicamente avançados e acesso pleno ao universo de informações disponíveis nos múltiplos espaços virtuais; aos que se encontra em plena exclusão tecnológica,

¹Doutor em comunicação pela UFRJ, mestre em Educação. Professor Associado UENF, docente na graduação e mestrado da UENF. Integrante do NP Folkcomunicação/ Intercom. chmsouza@gmail.com

²Mestranda em Cognição e Linguagem na UENF. Integrante do NP Folkcomunicação/ Intercom.

sem oportunidade para vivenciar e aprender nesta nova realidade; das instituições de ensino equipadas com as mais modernas tecnologias digitais aos espaços educacionais precários e com recursos mínimos para se trabalhar (Kenski, 2001).

Dentro deste contexto , destacamos os sujeitos que encontram-se cada vez mais distantes dos conteúdos referentes ao folclore e as manifestações culturais. Sejam os incluídos ou não tecnologicamente. A escola em meio a esta discussão deve pensar em uma maneira ou caminhos para despertar este interesse por tais conteúdos. Com sabedoria, o professor poderá descobrir como repassar o assunto nas diferentes disciplinas e nos diversos momentos do período letivo.

O que realmente vai importar? Será que a escola , o professor, alunos, estão realmente interessados ou preparados para a inserção destes conteúdos no dia a dia da comunidade escolar?

Dentro de toda esta ambiência, tentaremos apresentar alguns conceitos que poderão nortear as reflexões propostas para este trabalho.

Os caminhos da Folkcomunicação

A Folkcomunicação é um termo utilizado desde 1967 por Luiz Beltrão³ , com objetivo de relacionar o estudo da comunicação popular e do folclore na difusão de meios de comunicação de massa.

Para facilitar esta discussão, apresentamos alguns posicionamentos teóricos a cerca do tema proposto.

Conforme aponta Benjamin (1999):

A expansão da área de estudo da folkcomunicação vem sendo realizada com a produção científica dos continuadores da obra de Luiz Beltrão e pela contribuição de pesquisadores e teóricos de outras áreas, dentro de perspectivas interdisciplinares.

(...) os estudos da Folkcomunicação estão consolidados e a sua área expandida para além do conceito inicial, e que a sua evolução corresponde ao desempenho dos estudiosos desta temática em acompanhar as mudanças culturais ocorridas nas últimas décadas no Brasil.

³O pioneiro das ciências da comunicação no Brasil, integrante da geração inicial da Escola Latino-Americana de Comunicação.

Segundo Marques de Melo (2007) citando (BRANDÃO, 1979):

Essa compreensão do folclore como "cultura de resistência" demonstra que ele estava antenado ao conceito de folkcomunicação como "cultura dos marginalizados", defendido por Luiz Beltrão e outros estudiosos. Não é sem motivo que Theo Brandão lamenta os rótulos de "heréticos e imaginosos", atribuídos a seus estudos pioneiros sobre o folclore alagoano, celebrando, um quarto de século depois, a confirmação dos seus pontos de vista pelos "modernos pesquisadores" da cultura popular.

Conforme entrevista concedida para a 10ª edição da Revista Internacional de Folkcomunicação, Marques de Melo aponta que em 1995, durante o Seminário Internacional sobre as 'Identidades Culturais Latino-americanas', promovido pela UMEESP, "(...) houve um consenso sobre a importância da preservação das culturas populares como mecanismo indispensável ao fortalecimento das identidades culturais latino-americanas no processo de globalização.

Um recorte histórico do conceito de Ciberespaço

O ciberespaço, espaço mediado pelas redes de comunicação com suporte tecnológico, pode ser visto como elemento de apoio da inteligência coletiva e uma das principais condições para o seu desenvolvimento, fornecendo a ela um ambiente propício permeado pela interatividade, apesar de alguns fatores negativos que o acompanham, como isolamento, sobrecarga de informação, dependência, dominação, exploração e outros, com a agravante de constituir ainda um instrumento só alcançável por uma determinada classe social. (LÉVY,1998)

Qual o significado desse meio de comunicação? Na realidade, o ciberespaço recupera a possibilidade de ligação de um contexto que havia desaparecido com a escrita e os outros meios estáticos de comunicação. A Era da Comunicação Virtual traz um redimensionamento da oralidade, esta, agora, numa escala planetária. Os princípios da escrita se confundem com os da oralidade, gerando uma nova forma de se comunicar, é o tipo todos e todos, onde não há distinção entre emissores e receptores; todos podem ocupar as duas posições à medida que a mensagem circula.

A escrita e a leitura experimentam mudanças radicais com o surgimento do espaço cibernético. O leitor de um texto em rede não é mais um receptor passivo de leitura; ele participa da escrita-emissão deste mesmo texto, já que tem diante de si um potencial de mensagem e não uma mensagem estática. Vivemos hoje, segundo Lévy (1990) “(...) uma redistribuição da configuração do saber que se havia estabilizado no século XVII com a generalização da impressão.”

Pierre Lévy afirma ainda que se deve à complexificação e ao deslocamento dos centros de gravidade a sucessão da oralidade, da escrita e da informática como forma de gestão social do conhecimento, reiterando com isso que nenhuma mudança acontece de repente, mas é fruto de forças comandadas pelo próprio homem, reunindo sempre as experiências anteriores, sem preterir-las. “O saber oral e os gêneros do conhecimento fundados sobre a escrita ainda existem, é claro, e sem dúvida irão continuar existindo sempre.” (LÉVY,1990)

Não podemos, sob pena de completa alienação diante das mutações que ora se processam no mundo, ficar alheios ao que está acontecendo desde dentro do próprio lar, na escola, até o mundo de produção, onde os efeitos do encurtamento do espaço, fenômeno que recebeu o nome de globalização, ou mundialização, conforme prefere Lévy (1998), se firmam de maneira imperiosa. Já não somos os mesmos e isso vem corroborar a máxima que diz que ninguém se banha duas vezes no mesmo rio. Dessa forma, como poderíamos cair na utopia de aceitar uma comunicação que tivesse parâmetros estáticos e sem mudanças impostas pelo tempo?

As pessoas deixam a técnica falar por elas em vez de criticá-la e estudá-la para só então desafiar seus supostos benefícios ou acentuar seus malefícios. É preciso ir mais longe e não ficar preso a um ponto de vista, pois, certamente, a técnica e as tecnologias atuais muito terão a ensinar aos filósofos sobre a filosofia e aos historiadores sobre a história.

O processo de comunicação de um povo é estável até o momento em que alguém dissemine um novo dispositivo de comunicação e o equilíbrio de até então seja desestruturado. Foi assim com a escrita, o alfabeto, a impressão, com os meios de comunicação e transportes modernos. Isto não significa a anulação do homem enquanto ser, como afirmam alguns, mas

uma reinvenção do próprio homem e seus meios de se comunicar e de se relacionar, implicando um novo modo de aquisição e transmissão do conhecimento.

Sabemos que a nova tecnologia da informação abre possibilidades para atingir melhores resultados na área cognitiva, mas não é uma garantia em si mesma, pois o que vemos é um grande fascínio por essa tecnologia, adquirindo um caráter onipotente, capaz de solucionar todo problema de aprendizagem ou, quem sabe, revolucionar o ensino de tal forma, que, como preferem acreditar alguns céticos da nova tecnologia, teremos professores eletrônicos, preterindo, dessa forma, a tão famosa, mas também tão desacreditada, figura do professor.

Nesta sociedade, na qual a atenção é pesadamente dirigida para a informação e a tecnologia da informação, o risco maior é confundir-se informação com conhecimento e chamar uma sociedade apenas bem informada de uma sociedade com conhecimento.

Essa teoria recebeu uma série de críticas à formação de uma sociedade liderada por máquinas. Enquanto que para Wiener (1954), a comunicação era considerada como valor central para o homem na sociedade, para outros teóricos da cibernética esse tipo de organização social era sinônimo do caos e da desordem, a entropia, termo largamente usado pelos estudiosos críticos dessa área, como Paul Virilio e Jean Baudrillard.

Dentro destes posicionamentos, entendemos que a informática poderá abrir as portas para o mundo, onde, as diferentes redes de computadores se juntam uma às outras e um grande número de pessoas e de computadores conectados à inter-rede começa a crescer grandiosamente. Esta criado assim, um espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de negociação: a sociedade em rede.

O processo de mundialização que ora se apresenta crescente, atinge não só os setores ligados diretamente às formas de comunicação, aos transportes e ao capital, mas a todos os segmentos do viver humano, como a ciência, a filosofia, o corpo e o sono. Para tal, acredita-se que a escola, deve desenvolver o papel de mediação neste processo de transformação.

As pessoas não estão desvinculadas das mudanças que ocorrem, e mesmo que a elas tenham resistência, delas fatalmente precisarão para construir seu conhecimento e não correr o risco de uma alienação completa e irreversível, haja vista a velocidade com que tudo acontece no mundo da comunicação.

Nenhuma sociedade fica estática diante do tempo, os indivíduos não aceitam passivamente perpetuar uma cultura. Eles tornam-se agentes de mutação constante e, de acordo com seus projetos e interesses, modificam e reinventam os conceitos herdados, de modo que toda estrutura social só pode manter-se ou transformar-se através de interações de pessoas singulares.

Costuma-se colocar a técnica como vilã diante das mudanças que nem sempre agradam ou beneficiam a todos, como se esta pudesse ser entendida separadamente do homem. É impossível separar o ser humano de seu ambiente material, da mesma forma que, não podemos separar o mundo material – e menos ainda sua parte artificial - das idéias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. (LÉVY,1999)

Reunindo conceitos

Denominamos de Cultura Folk, as manifestações culturais e folclóricas que se apresentam mediadas pelas tecnologias diversas, sendo mais fortemente pela Internet., que por muitos autores é considerada a “nova mídia”. O termo CiberFolk deixa indicado o uso dos conceitos de Folkcomunicação relacionados com o Ciberespaço, ou seja, os conteúdos Folks na sociedade em rede, principal veículo ou meio de convergência para a comunicação de massa.

A Formação Docente para “Nova Mídia”

A preocupação ao falar da formação docente deve-se ao fato de nos depararmos hoje com uma nova sociedade: a Sociedade em rede (da Informação) permeada pela utilização freqüente de recursos tecnológicos.

Diante desta nova sociedade, compreende-se então uma necessidade de se explorar e definir melhor um norte para o trabalho docente mediado pelas tecnologias na educação. O desenvolvimento da informática como instrumento ou como meio educativo ainda é crucial no Brasil (PENTEADO, 1998). Defrontamo-nos com várias dificuldades para realização de um

trabalho, envolvendo docentes já ativos ou futuros docentes. De um lado, enfrentamos a falta de material adequado em muitas escolas brasileiras. De outro, nos deparamos com o despreparo dos professores para lidar com as tecnologias de informação e comunicação no ambiente escolar.

Na alfabetização tecnológica do professor a intenção deve ser a de tornar este cidadão um profissional atuante na sociedade, que contribui com um trabalho educativo significativo, mais próximo da realidade do aluno, conferindo-lhe, assim, sentido aos seus olhos e aos olhos da população.(SAMPAIO, 2001).

Os desafios que as mudanças na estrutura das demandas sociais de educação pós-ssecundária (formação inicial e formação continuada) significam para os sistemas educacionais são enormes: de um lado, na formação inicial, será preciso reformular radicalmente os currículos e métodos de ensino, enfatizando mais aquisição de habilidade de aprendizagem e a interdisciplinaridade, sem, no entanto negligenciar a formação do espírito científico e das competências de pesquisa; de outro as demandas crescentes de formação ao longo da vida terão que ser atendidas (Belloni, 2001).

Com a modificação acelerada das estruturas sociais, juntamente com as modificações tecnológicas, a escola se vê necessariamente obrigada a repensar seu papel frente às novas possibilidades de um mundo que hoje impõe maiores necessidades de conhecimento e cultura, que exige um cidadão com saberes múltiplos e que deve estar preparado para inserção nesta sociedade que é cada vez mais exigente. Cabe então à escola buscar novas pedagogias que incluam os meios de comunicação e as tecnologias na aprendizagem, a fim de integrar estratégias cognitivas e emocionais para o preparo de toda uma geração da era digital (Penteado, 1998).

Segundo Pretto (2002),

A escola não pode ignorar o que passa no mundo. As novas tecnologias de informação e da comunicação transformam espetacularmente não só a maneira de comunicar, mas de trabalhar, decidir, pensar, e ainda, introduzir forçosamente um novo quadro para o sistema educacional justamente por estarem representando uma escola paralela; sendo assim, a escola precisa aliar-se a elas e propor uma nova estratégia educativa, travando com elas um jogo dialético.

Acredita-se, portanto, que os cursos de formação de professores devem proporcionar esta "Alfabetização Tecnológica", preparando o docente a ser apto para atuar na educação usando de todos os recursos hoje disponíveis evitando assim o risco de exclusão em uma sociedade que caminha aceleradamente rumo à maior utilização das tecnologias.

As Manifestações Culturais e o Folclore através do Ciberespaço

No Brasil, os terreiros de candomblé e umbanda representam uma força social significativa de afirmação da cultura afro-brasileira. Como estratégia de expansão de sua influência, esta rede humana penetra a extensa rede de computadores – o ciberespaço (Internet) - que emerge como uma poderosa aliada na inserção e veiculação da sua prática. São inúmeros os grupos que possuem suas home-pages na rede. Alguns exemplos extraídos do site (<http://cibersociedad.rediris.es/congreso>):

(...) Ilé Axé Opô Afonjá (Bahia), Sociedade Africana Ilê Oxum Docô e Ilê Nagô Kaô Xangô Okanimô (Rio Grande do Sul), Axé Ilê Obá, Pai Celso de Oxalá e Pai Danilo do Ogum (São Paulo), Abassá de Odê (Santa Catarina) entre outros, em várias localidades do país.

Existem ainda inúmeros links para bibliotecas e livrarias especializadas, editoras, programas de rádio, organizações não-governamentais, empresas alternativas, listas de bibliografia, boletins e manifestos de apoio ou repúdio a iniciativas neste campo. Em âmbito internacional, também há vários outros exemplos de páginas de cultura de origem africana na rede.

A convivência entre tradição e modernidade é um desafio para a época atual. A rapidez e conseqüente fluidez de acontecimentos e transformações em todas as áreas do conhecimento ocupa o nível “macro” da sociedade, mas resiste, em nível microssocial a vontade e a ação de grupos humanos no sentido de manter e/ou redefinir suas tradições sem abdicar totalmente delas. Ao contrário, estes grupos parecem sentir a necessidade de expandir sua influência e assim, resistir à massificação globalizada. Esta redefinição e/ou luta pela manutenção das tradições culturais vê-se defronte a novas necessidades e demandas criadas pela modernidade e transmitidas pelas novas tecnologias, rapidamente popularizadas pelo mercado.

Folclore e as Manifestações Culturais nos Currículos Escolares

Folclore é a maneira de agir, pensar e sentir de um povo ou grupo com as qualidades ou atributos que lhe são inerentes, seja qual for o lugar onde se situa, o tempo e a cultura. Não é apenas o passado, a tradição; ele é vivo e está ligado à nossa vida de um jeito muito forte. Por isso, é tão importante conhecê-lo.

O saber folclórico é o que aprendemos informalmente no mundo, por meio do convívio social – por via oral ou por imitação. Ele é universal, embora aconteçam adaptações locais ou regionais, como consequência dos acréscimos da coletividade. “Folclore é o conjunto de coisas que o povo sabe, sem saber quem ensinou.” (Xavier, 1997)

Devido à complexidade que a vida humana, em sociedade, vem assumindo, a escola substitui a família como agente de troca da mais notável mercadoria do mundo – a cultura. O aluno leva para a escola os modelos já aprovados pela tradição, que aprendeu em casa ou na rua e, da escola, traz para a família e vizinhança as experiências mais significativas do desenvolvimento cultural.

A missão da escola é de salvamento. Não podemos aceitar que nossa língua, música, dança sejam ameaçadas pela ingerência alienígena que destrói a nossa cultura. Um dos objetivos de se trabalhar o folclore na escola é, pois, evitar que nossos padrões tradicionais sejam substituídos por modelos exóticos.

O desenvolvimento de atividades pedagógicas em torno do folclore é uma importante contribuição na formação do espírito de cidadania e de nacionalidade do aluno. Ao mesmo tempo em que passa a se perceber como ser universal, cidadão do mundo, necessita conhecer suas raízes, identificando-se com seu grupo social: sua linguagem, sua história e a de sua comunidade.

O professor deve saber aproveitar o atraente, rico e variado mundo do folclore, como fonte inesgotável de motivação didática e de elevada importância pedagógica. Ele precisa selecionar o que vai utilizar, pois nem toda manifestação folclórica serve como material didático. Os modelos escolhidos pelo professor precisam ser adequados à idade e ao tempo disponível para estudo e ensaio. Devem ser avaliados do ponto de vista da sua utilidade para a

comunidade, identificando-se, primeiramente, os aspectos da cultura popular no lugar onde vivem os alunos, para, depois, extrapolar limites geográficos.

O exemplo da educadora Helena Antipoff, que adotou o folclore como disciplina obrigatória no currículo de todos os seus cursos, deveria ser seguido pelos atuais professores, começando, talvez, pelo aproveitamento de eventos associados às festas religiosas (São Sebastião, Quaresma, Divino, Rosário, Natal) o que representaria um projeto anual.

A pesquisa pode ser estimulada por meio da coleta de dados pelos próprios alunos e realizada em trabalho de campo, a partir do lar, da família, estendendo-se à vizinhança e à comunidade. Desta maneira, o trabalho pode ser regionalizado, enfatizando-se as manifestações ligadas às atividades locais.

O estudo de provérbios ou ditados oferece oportunidade de debates sobre conceitos, tais como: justiça, honradez, bondade, ingratidão e outras abstrações. “O provérbio é sempre uma síntese de sabedoria popular. A sabedoria coletiva é reveladora de convicções, de certezas, merece fé.” (MARTINS, 1986)

Propondo ou decifrando-se adivinhas, leva-se a criança a desenvolver o raciocínio lógico, além de alegrar-lhe o espírito. Com as parlendas e outras formas lúdicas verbais, ela entra em contato com o idioma. Os trava-línguas são exercícios de comprovada eficácia para a correção de defeitos no falar. Jogos e brincadeiras podem ensejar ao aluno uma participação mais ativa no meio social, desenvolvendo mecanismos sadios de competição, além de torná-lo conhecedor e respeitador de regras.

Pequenas dificuldades podem ser adequadamente solucionadas com o emprego de técnicas populares, prática preconizada pela própria Organização Mundial da Saúde, que recomenda a volta dos remédios naturais. Com isso, a medicina caseira ganha nova dimensão na sociedade.

O artesanato ajuda a criança em idade escolar a usar as mãos de maneira adequada, apressa a eclosão de valores artísticos, além de servir como meio de se praticar o lazer. A criança adora realizar trabalhos manuais.

Com referência à linguagem, os sotaques e pronúncias regionais são peculiaridades que resultam do esforço adaptativo das pessoas ou do estilo de vida, isto é, do relacionamento entre o homem e o meio.

Outra experiência folclórica, a culinária, resulta do encontro de diferentes culturas, diversidade do clima e abundância de recursos naturais. Por meio dela, o professor pode trabalhar os sentidos, a matemática, a estética e a saúde alimentar dentre uma infinidade de outros aspectos.

Considerações Finais

Ao inserir o ensino, a prática do folclore e das manifestações culturais na Escola, acredita-se poder manter viva a nossa memória, que até então anda meio abandonada.

Com a criação de oficinas de musicalização e artes plásticas, acesso a sites com conteúdos do folclore brasileiro, podemos minimizar o grande “buraco negro” que existe em relação à memória em nosso País. Um outro benefício poderá ser o aumento do interesse por parte dos professores e alunos em relação a interatividade que estas manifestações culturais, com suporte dos recursos tecnológicos, podem proporcionar.

O mundo do folclore é um mundo encantado, repleto de personagens estranhos que transportam a criança aos páramos da fantasia, aumentando-lhe o poder da imaginação. A pedagogia contemporânea afirma que a educação da criança não pode ser apenas passiva, mas ativa, pois a causa principal da aprendizagem e, portanto, de toda a educação, não é o professor ou o aluno, mas sim, a interação entre ambos.

O folclore une as pessoas, logo, é razão suficiente para ser trabalhado em todas as escolas, durante todo o ano.

Por fim, entendemos ser perfeitamente viável a utilização do ciberespaço como um ambiente em construção, ambiente este que poderá resgatar parte de nossas culturas. Com a Folkcomunicação pesquisamos as culturas e com a tecnologia reunimos e socializamos as informações através dos veículos de comunicação de massa.

Referências

BELLONI, Maria Luiza.. **Educação a distância**. 2.ed. Campinas, SP:Autores Associados. (Coleção educação contemporânea), 2001.

BENJAMIN, Roberto. **A Nova Abrangência da Folkcomunicação**. Volume 1 - número 1: dezembro 1999

GRINSPIN, Miriam P.S. Zippin. (org). **Educação tecnológica: desafios e perspectivas**.SP, Cortez, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Em direção a Uma Ação Docente Mediada Pelas Tecnologias Digitais**. In: Barreto, Raquel Goulart (org.) **Tecnologias Educacionais e Educação a Distância: Avaliando Políticas e Práticas**. R.J. Quarter, 2001.

LÉVY, P. **A Inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998

_____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1990.

_____. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Ed.34,1999

_____. **A Máquina universo**..Porto Alegre: Artmed,1998

MARQUES DE MELO, José, (org.) **Folkcomunicação**. São Paulo, ECA-USP, 1971.

_____. **Théo Brandão: Precursor da Folkcomunicação**. A 10ª edição da Revista Internacional de Folkcomunicação (edição eletrônica), 2007

MARTINS, Saul. Folclore: **teoria e método**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1986.

MORAN, José Manoel. MASETTO, Marcos T. BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas SP, Papirus, 2001.

PENTEADO, Heloísa Dupas. (org). **Pedagogia da comunicação: teorias e práticas**. SP. Cortez editora, 1998.

PRETTO, Nelson de Luca. **Uma escola sem/com futuro**. Campinas-SP. Papirus, 2002.

ROCHA, Tião. **Roteiro de pesquisa do folclore**. Belo Horizonte: CPCD – Centro Popular de Cultura.

SAMPAIO, Marisa Narcizo. LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização Tecnológica do Professor**. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros. **Comunicação, Educação e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro. FAFIC, 2003.

_____. **A Informática na Educação: Um caso de Emergência.** Rio de Janeiro.
DAMADÁ, 1999.

WIENER, N. **Cibernética e sociedade: O uso humano dos seres humanos.** São Paulo:
Cultrix, 1954

XAVIER, Marcelo. **Mitos: o folclore do Mestre André.** Belo Horizonte: Formato Editorial,
1997.